

Eclesiastes

Boletim Trimestral
Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual
Responsabilidade:
Igreja em Oleiros.
É gratuito.
Número 19. 05-08/2001

Palavras do Pregador... (Eclesiastes 1:1)

A História Esquecida

Existem muitos livros, bem autenticados e bem detalhados, que contam a história do cristianismo, desde o seu começo humilde até ao dia de hoje. Falam do seu desenvolvimento e das suas divisões; mostram a origem e a história das inúmeras denominações que professam ser a Igreja, ou uma parte dela.

É uma história que nos empolga e ao mesmo tempo nos envergonha. Ficamos empolgados ao ler as histórias da fé e da coragem dos mártires que não negaram o seu Senhor. Envergonham-nos, porém, as intrigas, as heresias, as guerras chamadas santas e a Inquisição. Alegra-nos ler das conquistas do Evangelho, mas entristece-nos ver o abandono das doutrinas Bíblicas, e até da honestidade e da sinceridade.

Esta história, porém, não é a história da Igreja de Jesus Cristo. É a história daquela pequena semente que se tornou numa grande árvore e as aves do céu fizeram ninho nos seus ramos. É a história de organizações que professam o Nome de Cristo.

A Igreja do Senhor Jesus Cristo, porém, não é uma organização; é um organismo vivo. Não tem sede em lugar algum da Terra; é celestial. Não tem líder humano; Jesus Cristo é o "Cabeça". As igrejas que vemos no Novo Testamento pouco ou nada têm em comum com as organizações eclesiais do cristianismo histórico.

Página 15

Agora Vemos!

Nas epístolas de Paulo, tudo parece indicar que ele tinha dificuldades de visão. Ele refere-o quando escreve aos Gálatas. Por essa razão, ele teve de escrever aquela epístola com letras grandes (Gálatas 4:13-15; 6:11). Mas isto não passava das marcas do Senhor Jesus (Idem 6:17).

No entanto, essas limitações físicas não o impediam de ver longe! Paulo via mais sozinho com as suas limitações físicas, que muitos milhares de crentes juntos.

Vejamos o que ele diz da visão maravilhosa que tinha!

Página 9

Neste Número:	Neste Número:
Página de Editorial, 2; Página de Genéricos, 4: <ul style="list-style-type: none">• Tópicos para meditação;• Ilustração;• Sermões Breves. Página Evangelística, 6: <ul style="list-style-type: none">• “Porque Cristo Veio ao Mundo”. Página Devocional, 8: <ul style="list-style-type: none">• Respigos;• Necessidade de oração.	Página Feminina, 12: <ul style="list-style-type: none">• “Salvar-se-á dando à luz filhos”. Página Literária, 13: <ul style="list-style-type: none">• Sol da Liberdade. Página Científica, 15: <ul style="list-style-type: none">• A Verdadeira História da Igreja. Página Doutrinária, 22: <ul style="list-style-type: none">• O Mistério: “O Apostolados de Paulo”.

Editorial

Eclesiastes...

“Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém...”

(Eclesiastes 1:12)



«Palavras do pregador, filho de Davi, rei em Jerusalém!»;
«Eu, o pregador, fui rei sobre Israel em Jerusalém.»

(Eclesiastes 1:1, 12)



Quem És Tu?

A crise de identidade é um mal que sempre afectou o homem, depois de ter caído no pecado. Essa crise agrava-se sempre que o homem passa por períodos difíceis. E, o seu limite parece estar a chegar nos dias que vivemos.

Quem sou eu? O que faço aqui neste mundo?

«**De quem és tu e de onde és?**» (I Sam. 30:13), perguntou Davi ao egípcio, servo de um amalequita que o tinha roubado.

Do ponto de vista social, as coisas não estão melhores. A pressão a que estamos sujeitos sistematicamente leva que o homem seja mais individualista, mais ego centrista, mais materialista, e muitos mais “mais” poderíamos acrescentar numa lista interminável. Tem-se perdido o vínculo familiar, e isso pelas piores razões! Se é certo que o Senhor Jesus Cristo disse que Ele seria causa de dissensão entre pais e filhos (Lucas 21:16-17), também revelou que **«nos últimos dias não haverá afecto natural...»** (Rom.

1:31), e que haverão **«homens amantes de si mesmos»** (II Tim. 3:1-3). E, os sentimentos que se têm desenvolvido são mesmo «perversos», na linguagem do apóstolo Paulo.

Importa saber com quem nos relacionamos. Diariamente lidamos com tanta gente que desconhecemos. Por vezes, até pensamos que conhecemos, mas cada vez mais conhecemos menos as pessoas com quem lidamos. E, está escrito: «Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes» (I Cor. 15:33). E a vida – o presente século – tem feito com que as pessoas se fechem mais sobre si mesmas, se tornem individualistas, e mesmo egoístas.

Mas a identidade espiritual também não está numa situação melhor! Se não é bom soubermos a identidade das pessoas com que nos relacionamos diariamente, será muito mau não saber a nossa identidade. E a linguagem do apóstolo Paulo aponta para uma crise de identidade individual do cristão, pois diz: **«O Senhor conhece os que são seus, e aquele que profere o nome do Senhor, aparte-se da iniquidade»** (II Tim. 2:19).

A humanidade estando a atravessar uma crise existencial sem precedentes, é ao cristão que lhe compete a responsabilidade de indicar o caminho. Por isso, escreveu Pedro: **«estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós»** (I Ped. 3:15).

O Senhor sempre teve o cuidado de dar-se a conhecer ao homem, e de forma que não ficassem dúvidas a seu respeito. Quando apareceu a Moisés, o

Senhor identificou-se: «EU SOU!» (Êxodo 3:14). E, quando apareceu a Paulo, disse: «Eu sou Jesus» (Actos 9:5). E, para que não ficasse dúvidas, quando ressuscitou, disse aos discípulos: «tocai-me e vede...» (Lucas 24:39).

Nós, à semelhança do Senhor, não podemos ocultar a nossa identidade. Saibamos quem somos, e digamos o que somos.

Já há muito tempo que a Igreja de Deus perdeu a sua identidade neste mundo. Quando Paulo escreveu a Timóteo disse que ela **«é a coluna e a firmeza da verdade»!** (I Tim 3). Hoje, só pela intervenção do Espírito Santo é que a verdade está sendo mantida. Pois, é só olhar para a cristandade e ver como ela se tornou num antro de confusão, só comparável à torre de Babel! (Gén. 11). Nos primórdios, a igreja era perfeitamente identificável, onde quer que houvesse crentes. Em qualquer local onde houvesse cristãos eles eram facilmente identificados. Quando um cristão chegava a determinada localidade, procurava saber se ali haviam cristãos e, “juntava-se aos seus”. Hoje, quando um crente chega a uma localidade procura a sua denominação. Antes a igreja distinguia-se do mundo. Hoje, ela esta perdidamente identificada com ele; a igreja está como que dissolvida por entre as denominações, pelas congregações e organizações religiosas, numa posição completamente oposta àquela que Deus definiu para ela!

Deus nos ensine e nos ajude voltar à forma que ele concebeu e fundou a sua igreja, mesmo no meio das tendências contrárias que estamos vivendo.

vpp

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

OS HOMENS DE FÉ SÃO...!

1. Homens de Testemunho, mesmo depois da morte, como Abel – Heb. 4;
2. Agradáveis a Deus como Henoque – Heb. 11:5-6;
3. Trabalhadores como Noé – Heb. 11:7;
4. Obedientes como Abraão – Heb. 11:8;
5. Separados do mundo como Moisés – Heb. 11:25-28;
6. Vitoriosos como Davi – Heb. 11:32-33;
7. De oração, como Daniel – Heb. 11:33;

«« ««««« + »»»»» »»»

Testemunhos Fieis, Em Tempos Difíceis!

- **Noé**, num mundo sem Deus (II Pedro 2:5);
- **José**, em casa de Potifar (Gênesis 39:2-20);
- **Davi**, em casa de Saul (I Samuel 16:14-23);
- **Daniel**, na Corte Babilónica (Daniel 1:8);
- **Mordecai**, diante do inimigo Hamã (Ester 3:1-6)

ILUSTRAÇÃO

Paz, No Meio da Tormenta

«*Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou...*» (João 14:27)

Dois artistas foram finalistas num concurso de pintura, subordinado ao tema da "paz". Uma das pinturas desenvolvia um campo tranquilo de Inglaterra, igual desde o tempo dos romanos. Tudo era pacífico e quieto.

O outro artista reproduziu o quadro de uma violenta tempestade e ao observá-lo poderia ver-se os efeitos de um vento forte que fustigava as árvores, quase as arrancando pela raiz. No desenvolvimento deste quadro consegue-se perceber que num ramo havia um ninho de pássaro, onde a ave se encontrava com as suas crias. A expressão da ave era de absoluta tranquilidade.

Os juizes decidiram atribuir o prémio ao segundo trabalho, comentando que o primeiro quadro não expressava a verdadeira paz, mas o estacionamento e a estaticidade. O segundo quadro revelava a paz e a tranquilidade que se afirmava distinta e superava a ameaça da tempestade!

É esta a paz que estás a desfrutar?

Adolfo Roberto

Sermões Breves

«Qual deles amaré mais?»
(Lucas 7:42)

Amar... Amar... será que sabemos o que é amar! E em que medida amamos a Deus? E com que tipo de amor amamos o Senhor? Amamos o Senhor como amamos as outras pessoas? Amamos o Senhor com a mesma intensidade que amamos as outras pessoas?

O Senhor disse: «**aquele a quem pouco é perdoado pouco ama!**» (Lucas 7:47). E, pela medida do amor que revelamos, a verdade é que parece que somos como aqueles que nos *havemos esquecido da purificação dos nossos antigos pecados.* (II Pedro 1:9). Por isso diz Paulo: «**Lembrai-vos de que em outro tempo éreis gentios...**» (Efésios 2:11).

E o Senhor volta a perguntar-nos, como o fez com Pedro: «**Simão, filho de Jonas, amas-me?**» (João 21:16), e: «**amas-me mais do que estes?**» (João 21:15).

E João diz: «**Nós o amamos...**» (I João 4:19).



«**Pai, pequei...**»

(Lucas 15:21)

«**Não peques mais...**»

(João 5:14; 8:11)

O reconhecimento do nosso fracasso é a atitude mais consciente e correcta que podemos tomar diante de Deus. Não há outra forma de se chegar a Deus e obter o seu perdão.

Depois da restauração o Senhor diz: «vai, e não peques mais!» O Senhor restaura-nos e dá-nos condições para não voltar a pecar. E isso marca a reviravolta da sua obra na nossa vida.



«**Ensina-me a fazer a tua vontade...**»

(Salmo 143:10)

«**Para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.**» (Rom. 12:1-2)

Por vezes não é fácil compreender a vontade de Deus. E tanto mais difícil será quanto mais longe estivermos dele. Mas, relativamente ao conhecimento da vontade de Deus não esperemos dele mais do que está escrito; não esperemos um sonho, uma revelação, ou uma voz que no-la diga. A vontade de Deus experimenta-se quando lhe entregamos as nossas vidas e andamos em comunhão com ele. Assim, poderemos ser perfeitos na sua vontade (Colossenses 4:12).

Porque Cristo Veio ao Mundo?

Todos os verdadeiros crentes estão unidos no facto doutrinal que Jesus Cristo veio a este mundo como o Filho de Deus para morrer na cruz pelos nossos pecados. «*Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fossemos feitos justiça de Deus*». Todos concordamos no facto culminante da Sua vida na Terra, MAS NÃO estamos unidos quanto ao propósito dos seus *três anos* de ministério precedentes à sua morte.

Existem quatro principais pontos de vista quanto ao propósito do Seu ministério de três anos.

O primeiro destes é o ponto de vista da ***Teologia da Reforma***, que ensina que Cristo veio fundar a Igreja Cristã, transferindo todas as bênçãos de Israel para aquela igreja. Ensinam que a Igreja a que se refere Mateus 16:18 é a Igreja desta dispensação. Com este parecer eles simplesmente seguem a doutrina Católica Romana. Entretanto, escondido nos escritos dos grandes líderes reformistas, Martin Luther; Philip Melancthon, Ulrich Zwingli, Heinrich Bullinger e John Calvin, está a maravilhosa verdade de que a Igreja Verdadeira é o conjunto de todos os crentes em Cristo - um conjunto espiritual, não uma organização terrestre.

Henry Ward Beecher, um famoso pregador durante a Guerra Civil americana, escreveu no seu livro "A Vida de Cristo" que: «Se Jesus veio para fundar uma igreja, as suas acções estavam em grande divergência com Seu propósito. Não existem instruções registradas para este fim. Ele continuou em comunhão total com a igreja judaica até ao fim. Também os Seus Apóstolos não sonhavam deixar a igreja de seus pais.» Enquanto estudamos cuidadosamente as Escrituras podemos entender que Cristo veio, não para *fundar* uma igreja, mas para *cumprir* as Escrituras: o que estava profetizado. Ler Mateus 5:17; Romanos 15:8.

O segundo ponto de vista do Seu ministério terrestre é o da ***Teologia Prémilenar*** a qual ensina que Cristo veio oferecer o Reino Messiânico aos judeus. Precisamos concordar que um Reino literal foi prometido a Israel e que Cristo reinará pessoalmente nesta Terra, em Jerusalém, mas não podemos encontrar qualquer oferecimento deste Reino por Jesus durante Seu ministério de três anos. Ao invés disto, Ele antecipou a Sua rejeição como Rei e Messias. Ele declarou que esta rejeição foi o próprio propósito da Sua vinda. Muitas profecias do Velho Testamento foram cumpridas pela rejeição deles. (Salmo 22, Isaías 53, etc.).

Este segundo ponto de vista afirma que imediatamente depois que Israel rejeitou o oferecimento do Reino, na crucificação do Rei e pela perseguição do seus representantes, Ele afastou-a durante esta dispensação e começou a

Igreja, que é o Corpo de Cristo. (Isto inclui as muitas diferentes igrejas, como a Católica, Baptista, Presbitérian, Luterana e a multidão de Pentecostais.) Se este parecer é correcto, então o Pai não respondeu à oração de Seu Filho na cruz: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." E Pedro também enganou-se quando ofereceu as bênçãos do Reino em Actos 2 e 3, prometidas pelas profetas a Israel, se ela se arrependesse.

O terceiro ponto de vista, é a **Teologia Liberal**; esta doutrina quer que nós acreditamos que o ministério terrestre de Cristo foi a grande manifestação de princípios morais. Eles declaram que Ele viveu apenas para nos mostrar como se deve viver. Entretanto, Ele declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim." A Sua vida terrestre não tinha o propósito de mostrar ao homem como ele deveria viver, mas mostrar ao homem que ele é um pecador e precisa de um Salvador. Cristo não disse: "Eu mostrarei o Caminho", mas sim, "Eu Sou o Caminho".

Finalmente, a **Teologia Paulina** (porque ela se baseia nas revelações do Cristo glorificado a Paulo) ensina que Cristo não veio para fundar uma igreja, tampouco para oferecer um Reino durante o Seu ministério terrestre. Este é o nosso ponto de vista. Acreditamos que Cristo veio para ser rejeitado pelos homens - ser morto por eles, assim se tornando o sacrifício pelos pecados do mundo. Deus causa a ira dos homens a louvá-lo.

Acreditamos que Deus Filho veio para revelar por completo a condição totalmente perdida do homem. Ele veio como a Luz mas as trevas não compreenderam. (João 15:22-25; Lucas 12:49-54; Mateus 21:42-46).

Ele *não ofereceu o Reino* Messiânico a Israel. Depois da Sua ressurreição, o Reino foi oferecido por Pedro baseado nos fundamentos das profecias do Velho Testamento. Este oferecimento é registrado em Actos 2 e 3. Quando Israel continuou a revelar a sua depravação através da rejeição do Reino, como é apresentado nestes capítulos, aquela nação foi temporariamente posta de lado e Cristo, da Glória, salvou e chamou o Apóstolo Paulo. Através deste "Apóstolo das Nações" Ele revelou pela primeira vez a Verdade da Igreja desta dispensação, a Igreja que é Seu Corpo. Todo o crente verdadeiro em Cristo (Ele sendo o Salvador através de Seu sacrifício na cruz) é um membro desta maravilhosa Igreja.

Você é?

(Ler Rom. 11:25, 3:23-26; Efe. 3; Col. 1:20-29).

Eugene F. Rueweler

Para Meditar...

*«Uns se dizem ricos
sem terem nada;
outros se dizem pobres,
sendo mui ricos.»*

(Provérbios 13:7)

- RESPIGOS -

Apelo

Consideremos a maravilha do apelo: «Pai, perdoa-lhes». A Escritura diz que «Jesus dizia...» (Lucas 23:34). O tempo do verbo "dizia" indica que o Senhor repetiu esta oração. Quando os soldados o pregaram na cruz, ele orou: «Pai, perdoa-lhes». Quando levantaram a cruz e a fincaram no chão, o Senhor orou: «Pai, perdoa-lhes». Enquanto estava ali pendurado entre o céu e a terra, e a ouvir os mais horripilantes escarneos e zombarias, o Senhor orou: «Pai, perdoa-lhes».

O Senhor Jesus poderia ter orado: «Pai, julga-os!», «Pai, destoe-os!». Ele poderia ter chamado as muitas legiões de anjos que estariam dispostas a vir ajudá-lo. Mas não fez isso. Muitas vezes o leitor e eu próprio temos desejado que Deus envie fogo do céu sobre alguém que nos ofendeu, e oramos: «Pai, julga-os!», «Pai, fere-os, como eles me feriram!». Mas, o Senhor orou com o seu coração de amor: «Pai, perdoa-lhes!». Que exemplo para seguirmos!

WWW

Uma Outra Perspectiva da Cruz

Muito se tem falado da cruz, vista numa perspectiva humana. O que vemos na Cruz? O que vemos das pessoas, dos factos e dos acontecimentos ocorridos envolvendo a cruz? Mas pouco ou nada se tem dito acerca da cruz na perspectiva do Crucificado.

O que é que o Senhor Jesus Cristo viu, sentiu, ouviu e disse da cruz? Qual foi a sua sensação de todos os acontecimentos que o envolveram na circunstância da sua morte sagrada? O que é que o Senhor pensou naquela hora daqueles que o prenderam, maltrataram e o crucificaram? O que é que o Senhor pensou daqueles que repartiram os seus vestidos? E o que pensou daqueles que passavam por ali e o criticavam? O que Ele pensou dos dois outros malfeitores, com Ele crucificados? O que pensou da sua mãe que estava ali? E de alguns dos seus discípulos que estariam olhando de longe, e de outros que deveriam estar ali e não estavam, pelo medo que tinham dos Judeus?

Mateus e **Marcos** falam da principal atenção do Senhor: o **desejo** de fazer a vontade de Deus, cumprindo a obra que tinha de fazer. Relata o relacionamento do Senhor na Cruz **com Deus**. **Lucas** divide-se na descrição da atenção do Senhor com Deus e o homem, fazendo uma junção das duas personalidades. Foca, assim, o **sentimento** do Senhor para com o **mundo perdido**. **João** fala do que o Senhor viu, e nessa base do que disse e pensou. João detém-se mais com o relacionamento do Senhor com o seu povo. Todos eles são unânimes em dizer uma única coisa que o Senhor **fez** – além de ter morrido em nosso lugar – que «rendeu o espírito».

E, este é o “grito” de vitória do Grande Deus e Senhor sobre todos os seus inimigos. Certamente que o Senhor viu, sentiu, pensou e disse muitas mais coisas. No entanto, ficaram estas exaradas na sua palavra porque eram aquelas que nós precisávamos de saber.

Nada de lamentos, nada de ódios, nada de palavras de vingança, nada de desejo de castigo... mas «uma ovelha muda diante dos seus tosquidores», que ainda intercede pelos seus algozes e outros que tais.

Mateus e Marcos, além da descrição dos factos, nada dizem acerca do que o Senhor Jesus Cristo viu, sentiu, pensou ou disse do homem. Mas referem um facto mais sublime: o pensamento do Senhor que estava dirigido para cima, para a Divindade. E referem que o Senhor clamou por duas vezes: **«Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?»** (27:46), e que «clamando outra vez, rendeu o espírito» (27:50).

Lucas refere dois factos extremamente interessantes que tem a ver com o que o Senhor sentiu acerca do homem: compaixão. **«E dizia: Pai perdoa-lhes...»** (23:34). E ao malfeitor arrependido: **«hoje estarás comigo no paraíso»** (23:43). O primeiro tem a ver com o perdão do Pai; o segundo tem a ver com o seu perdão. O primeiro é um sentimento geral. O segundo pensamento é pessoal e pontual.

João diz o que Jesus viu: sua mãe... e o discípulo a quem Jesus amava... e falou com eles (19:26-27). Diz, ainda, que o Senhor viu que

dividiam as suas vestes e pensou no cumprimento da profecia que diz: «repartiram as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes...» (19:24). E, viu, por fim, que tudo estava cumprido. Então disse: **«tenho sede»** (19:28). Por fim disse: **«esta consumado»** (19:30).

Descrição verdadeiramente sublime, concreta e concisa da perspectiva que o Senhor estava a ter desde o alto da cruz por tudo o que o rodeava. O momento era de sofrimento e de dor. Era um momento de silêncio. E estas palavras, para serem ditas nas circunstâncias como o foram, só o poderiam ser como que arrancadas por uma força extraordinária e sobrenatural – a força de um sublime amor.

Agora Vemos!

Nas epístolas de Paulo, tudo parece indicar que ele tinha dificuldades de visão. Ele refere-o quando escreve aos Gálatas. Por essa razão, ele teve de escrever aquela epístola com letras grandes (Gálatas 4:13-15; 6:11). Mas isto não passava das marcas do Senhor Jesus (Idem 6:17).

No entanto, essas limitações físicas não o impediam de ver longe! Pedro falou de alguns que «nada viam ao longe» (II Pedro 1:9), ou seja, não viam o invisível (Hebreus 11:27), como Moisés, e cuja visão determinou as decisões da sua vida, e aqueles, de que Pedro fala, andam pela vista humana, e não com os olhos da fé (II Cor. 5:7). Nada vêm ao longe, pois não vêm o Senhor – O Senhor é o futuro!

Ora, Paulo via mais sozinho com as suas limitações físicas, que muitos milhares de crentes juntos. Ele dizia: «vemos a Jesus, coroado com toda a honra e glória» (Hebreus 2:9). E foi esta visão espiritual que também determinou as decisões da sua vida. Com a luz intensa do Senhor ele pode ter ficado a ver mal, humanamente, mas espiritualmente via longe!

Os portugueses logo se lembrarão de Luís Vaz de Camões: um exemplo de como não são necessários olhos físicos para ver a beleza da vida. Mesmo limitado pela vista (pois tinha um olho só), escreveu literatura como poucos! Via distante! Ou mesmo se diga de Beethoven, que ficou surdo em jovem, mas mesmo assim escreveu as mais belas e extraordinárias peças musicais.

E é nesta mesma epístola aos Hebreus que Paulo faz nova referência à visão (e tudo indica que tenha sido o apóstolo Paulo que a escreveu), quando diz: **«olhando para Jesus...»** (12:2). E diz: com o mesmo olhar, **«segui a paz... sem a qual ninguém verá ao Senhor...»** (12:14). Ou seja, seguindo a paz, ela nos encaminha ao Senhor. A paz é como um guia que vai em direcção ao Senhor. Neste percurso encontramos muitas curvas, circunstâncias difíceis, obstáculos, confusão, e muitas outras coisas mais que nos farão perder de vista a paz. E, perdendo-a, vamos ter dificuldade em ver o Senhor!

Por fim, Paulo escreve aos Efésios e ora por eles para que Deus *ilumine os olhos do seu entendimento, para “verem” a esperança da vocação celestial e as riquezas da glória nos santos... e o poder que opera nos crentes* (1:16-19). Por outras palavras: para vermos ao longe!

Necessidade de Oração

Por toda a parte hoje em dia se nota o empenho em descobrir novos métodos de trabalho, formar novos planos e arranjar novas organizações afim de levar avante e tornar mais eficaz a obra da evangelização. A tendência moderna é de contar cada vez menos com o homem, como servo do Senhor, e esperar mais e mais da eficácia dos muitos planos, métodos e organizações. Procura-se melhores métodos; Deus, porém, busca melhores homens, isto é, homens mais aptos espiritualmente para serem instrumentos na sua divina mão. Bem sugestivas são as palavras que lemos no princípio do Evangelho de João: «Houve um homem enviado por Deus».

O que as igrejas necessitam hoje em dia não é de novas organizações, novas alianças, novos métodos, novos atractivos, mas sim de homens em quem e por quem o Espírito Santo pode operar – homens de oração, homens poderosos em oração. O Espírito Santo não se revela em métodos, mas sim em homens; não desce sobre meios, mas sobre homens; não unge planos, mas sim homens – homens de oração.

A oração é a arma mais poderosa tanto no pregador como de qualquer servo de Deus. Todo o pregador que não encara a oração como um grande facto da sua vida não será mais do que um fraco elemento na extensão da obra de Deus no mundo. A oração que afecta a pregação tem primeiro que afectar o pregador. A oração que dá cor e forma ao carácter não é nenhuma coisa feita apressadamente e sem

exercício espiritual: tem de actuar sobre o coração e influir na vida como o «grande clamor e lágrimas» de Jesus; deve comover a alma abrasando-a num ardente desejo como no caso do apóstolo Paulo; ter ardor e força como a oração «eficaz» de que o apóstolo Tiago fala; ser, enfim, de um carácter tal que, subindo diante de Deus em toda a fragrância do Nome de Cristo, produz efeitos espirituais maravilhosos e duradouros.

Falar aos homens, como da parte de Deus, é coisa grandiosa e sublime, mas falar a Deus a favor dos homens quanto mais sublime é! Nunca falará com acerto e sucesso aos homens, da parte de Deus, aquele que não tenha aprendido a falar com Deus acerca dos homens.

Aqueles que mais fielmente têm manifestado o carácter de Cristo nas suas vidas e mais têm influenciado os homens segundo a vontade de Deus, têm sido aqueles que gastaram tanto tempo com Deus em comunhão e oração que isto se tornou numa característica notável das suas vidas.

É claro que a oração que não passa de um mero hábito, que é um costume apenas, um rezar frio e formal, nada vale, é tão inútil e vã. Tais práticas nada têm de comum com a oração que coloca a alma em íntimo contacto com o seu Deus. O que se requiere é aquela oração sincera, profunda e real, que preocupa, comove e consome todo o ser espiritual – a oração que nasce da união vital com Cristo e da plenitude do espírito, que salta como das profundezas dum fonte de terna compaixão e solicitude incansável pelo bem eterno da humanidade; dum zelo consumidor pela glória de Deus; dum convicção plena da tarefa delicada e difícil que lhe será confiada e da necessidade imperiosa do socorro divino.

Um tal modo de orar produz infalivelmente a santidade prática: caracteres santos resultam do poder da verdadeira oração. Quanto mais

oração, tanto mais santidade; quanta mais santidade tanta mais oração!

A santidade dando energia à alma, todo o ser dominado pelo amor, pela ânsia de mais fé, mais zelo, mais consagração, mais oração – eis o segredo do poder. A oração produz a consagração pessoal, assim como é um meio da expressão da mesma. O espírito da consagração é o espírito da oração. Não há verdadeira oração sem essa consagração da vida ao Senhor nem consagração sem oração. A oração sincera e habitual torna-se um meio de iluminação espiritual, de progresso contínuo e de poder no serviço de Deus.

Uma das grandes necessidades do povo de Deus actualmente é mais de desejo de orar, de mais tempo dedicado à oração e mais poder na oração. Necessitamos de «orar sem cessar» (I Tes. 5:17), sim de «perseverar em oração» (Rom. 12:12).

Nunca a causa de Deus necessitou mais de exemplos de poder de oração, e do que ela pode efectuar, do que na actualidade. De tudo quanto podemos fazer é a oração a causa mais sublime e de maior importância.

Dediquemos, pois, irmãos, mais tempo à oração em segredo, e então sem dúvida haveremos de experimentar um avivamento espiritual, haverá nas nossas vidas mais fruto para Deus, mais poder para correremos, lutarmos, trabalharmos e testemunharmos segundo a sua divina vontade até que chegue o momento em que, pela graça divina, possamos dizer: «combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé!»

Adaptado do Livro
«Power Through Prayer»
de E. M. Bounds
In Leituras Cristãs, Vol. XX, 1923.

Às Nossas Irmãs...

«**Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos...**»

I Timóteo 2:15

Ao julgar pelas limitações que Paulo impõe ao ministério da mulher na igreja, poderia parecer que ele a reduziu a um “zero à esquerda”! Por exemplo, não lhe permite ensinar, nem exercer domínio sobre o homem, mas estar em silêncio (v. 12). Alguns poderiam com isto chegar à conclusão que a fé cristã relega a mulher a um lugar inferior.

Porem, o versículo 15 aclara qualquer mal entendido semelhante. «Porem, se salvará dando à luz filhos...». Claro que não se refere à salvação da alma, senão à sua posição como mulher, ou à sua posição na igreja.

William Ross Wallace dizia: “A mão que mexe a sopa é a mão que governa o mundo”. E, atrás de um grande líder há uma grande mãe.

É duvidoso que Susana Wesley alguma vez tenha ministrado de um púlpito, porém, o seu ministério no seu lar teve um alcance mundial através de seus filhos Carlos e João.

No mundo está na moda que as mulheres abandonem o seu lar para conseguirem suas próprias carreiras, impondo-se no mundo profissional ou dos negócios. Educadas no mundo, parece-lhes que o trabalho

no lar é monótono e criar uma família é algo desnecessário.

Num almoço de mulheres cristãs, a conversação se encaminhou para o tema das carreiras. Cada uma se extasiava com a carreira e salários que usufruíam. Naquele lugar dominava um espírito de rivalidade! Finalmente alguém se dirigiu a uma mulher que tinha três vigorosos filhos e lhe perguntou: “E qual é a tua carreira, Carlota?” Ela, humildemente, replicou: “crio homens para Deus!”.

A filha de Faraó disse à mãe de Moisés: “Leva-me este menino e cria-mo, e eu to pagarei.” (Êxo. 2:9). Quiçá seremos levados a grande surpresa quando estivermos diante do Tribunal de Cristo e repararmos nos altos galardões que algumas simples mulheres, humildes e fiéis, levarão por simplesmente consagrarem a sua vida a Deus no ministério de criar filhos para Ele e para a eternidade.

Sim, “salvar-se-á gerando filhos...”. O lugar de uma mulher na igreja não é o ministério público, mas, quiçá o ministério consagrado de criar filhos é de muita maior importância aos olhos de Deus.

William MacDonald

“O Sol da Liberdade”

O sol estava trespassando as paredes de pedra,
Enquanto eu me barbeava...
Como se atravessasse as grades de uma prisão,
Assim, eu sentia-me no coração...
Atraído para mais próximo dum lugar
Onde se diz que a morte está esperando na escuridão.

As portas de ferro estavam batendo,
Ecoaram pelos corredores,
Onde o desespero celebra vida,
Dentro de suas garras cruéis.
Entretanto eu encontrei Um homem
Cuja face parecia estranhamente fora de lugar,
Uma luz ofuscante de esperança estava lustrando nos seus olhos
E com a mansidão da sua voz, ele me contou a sua trágica escolha
Que o conduziu para este lugar, onde um alto preço, se propôs pagar
Entretanto a voz dele cresceu fortemente como que começando a contar
Sobre Aquele, disse ele, que veio do Inferno me salvar, disse ele...

Eu quero agradecer, sim, oh, eu fui perdoado
O amor de Deus libertou-me das minhas cadeias e me deu asas
E quero agradecer, sim, sim.
Para a liberdade eu fui chamado
É algo que nem mesmo a morte pode me retirar,
Por isso quero agradecer;
Jesus me libertou!

Eu fiz uma oração e disse adeus ao passado;
As lágrimas começaram a inundar meus olhos,
Como quando nasce o sol ofuscante e determinado.
E até mesmo porque eu me endureci,
Mas achei que não podia escapar.

E, o modo que Ele me falou do que a graça de Deus podia fazer em mim,
Eu pensei como o pecado nos tinha condenado à morte,
E como Deus nos deu o seu único Filho...
Assim tu e eu podemos dizer...

E se o Filho determinou que te livra,
Oh, se o Filho fixou que te livra
Então tu, realmente, achaste graça.
Oh, tu és realmente agraciado,
Se o Filho fixou que te livra,
Então tu estas agraciado,
E és realmente... és realmente livre.

Oh, nós temos a graça, sim,
Oh, nós fomos perdoados.
Oh, a graça de Deus quebra todas as cadeias e nos dá as suas asas.
E nós fomos cheios da graça, sim, sim,
E para a liberdade nós somos chamados.
É algo que nem mesmo morte pode impedir a ti e a mim,
Porque fomos cheios da graça, sim,
Para a liberdade nós fomos chamados
É algo que nem mesmo a morte pode levar-te a ti de mim.
O Filho nos libertou,
Por isso estou cheio da graça, oh, estou cheio da graça.
Eu quero agradecer, eu quero agradecer.

Se o Filho determinou que te livra,
Tu, realmente, está cheio da graça.

Steven Curtis Chapman
Original: “Free”

A História da Igreja

A História Esquecida

Existem muitos livros, bem autenticados e bem detalhados, que contam a história do cristianismo, desde o seu começo humilde até ao dia de hoje. Falam do seu desenvolvimento e das suas divisões; mostram a origem e a história das inúmeras denominações que professam ser a Igreja, ou uma parte dela.

É uma história que nos empolga e ao mesmo tempo nos envergonha. Ficamos empolgados ao ler as histórias da fé e da coragem dos mártires que não negaram o seu Senhor. Envergonham-nos, porém, as intrigas, as heresias, as guerras chamadas santas e a Inquisição. Alegra-nos ler das conquistas do Evangelho, mas entristece-nos ver o

abandono das doutrinas Bíblicas, e até da honestidade e da sinceridade.

Esta história, porém, não é a história da Igreja de Jesus Cristo. É a história daquela pequena semente que se tornou numa grande árvore e as aves do céu fizeram ninho nos seus ramos (tipo Mat. 13:31-32). É a história de organizações que professam o Nome de Cristo.

A Igreja do Senhor Jesus Cristo, porém, não é uma organização; é um organismo vivo. Não tem sede em lugar algum da Terra; é celestial. Não tem líder humano; Jesus Cristo é o "Cabeça". As igrejas que vemos no Novo Testamento pouco ou nada têm em comum com as organizações eclesiais do cristianismo histórico.

A Verdadeira História

A verdadeira história começou a ser escrita por Lucas, que nos deixou um livro inspirado pelo Espírito Santo, e portanto digno de toda a confiança. Neste livro vemos como o Evangelho foi anunciado desde Jerusalém até ao Ilírico (Rom. 15:19), chegando a todo o mundo (Col. 1:6), a todos os Gentios (II Tim. 4:17) e a toda a criatura (Col. 1:16). Vemos também como os salvos em cada localidade se reuniam, formando igrejas locais. Segundo a

história relatada em Actos dos Apóstolos, estas igrejas não se uniram para organizar uma "Igreja" composta de muitas "igrejas filiadas"; eram igrejas autónomas. Cada uma destas igrejas, directamente responsável ao Senhor, tornou-se um centro de evangelismo, levando as boas novas a todos em redor, e desta forma multiplicavam-se.

Seguindo a estrada do tempo, logo encontramos uma bifurcação. Até ao ano 63 a. D. tudo era claro, pois o Espírito Santo registrou a história como ela mesmo era e como Ele a viu. A partir dessa data, porém, passamos a ver dois caminhos que atravessam os séculos. Aquele que parece estreito, escuro, e pouco movimentado. E um outro onde a maioria segue, que se vai desviando ligeiramente do caminho recto, mas parece ser o principal, pois é bem iluminado e muito movimentado.

A maioria dos historiadores seguiu este caminho largo, contando-nos a história da "Igreja Professa". É bem documentada e bem conhecida. Neste artigo (extracto de um opúsculo com o mesmo nome), porém, vamos caminhar pela outra estrada, observando o que pudermos da história esquecida. Este caminho é estreito, e relativamente pouco movimentado, porque a maioria desviou-se dele; é escuro, pois existem

poucas informações a seu respeito, mas isto não deve assustar-nos. Creio que nossa viagem por este caminho trará muitas recompensas, e a nossa fé será fortalecida.

O fato da maioria dos cristãos professos se desviarem do modelo bíblico não surpreende aquele que lê o Novo Testamento. Vez após vez o Espírito Santo avisou que isto aconteceria. Ao conversar com os anciãos da igreja em Éfeso, Paulo disse que lobos cruéis se introduziriam no meio deles, e também avisou que do meio deles se levantariam homens que procurariam atrair os discípulos após si, dividindo a igreja (Act. 20:29-30).

Na primeira carta a Timóteo, o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos alguns apostatariam da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e doutrinas de demónios (I Tim. 4:1). Na última carta inspirada que Paulo escreveu, aprendemos que muitos não suportariam a sã doutrina e resistiriam à verdade (II Tim. 4:3 e 3:8). O apóstolo Pedro também avisou deste desvio da verdade, dizendo: **"entre vós haverá falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição"** (II Ped. 2:1). E João, o último dos apóstolos vivos, disse: **"Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos**

são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (I Joa. 4:1).

Poucas Informações

A escassez de informações quanto à história de igrejas neo-testamentárias é devido a dois factos importantes: (I) Através dos séculos, as organizações eclesiásticas dominaram e perseguiram aquelas igrejas autónomas que procuravam manter a simplicidade do modelo deixado no Novo Testamento. Em consequência disto, a literatura daquela época ainda existente é a do grupo dominante. Os escritos das igrejas locais foram, quando possível, destruídos pelos perseguidores, de sorte que a maior parte das informações que temos acerca destas igrejas é o que seus perseguidores escreveram a respeito delas.

(II) A própria natureza destas igrejas contribuiu para esta escassez de informações. Sendo celestiais e espirituais, ficaram separadas das organizações e movimentos terrenos, e consequentemente há pouca menção delas na história secular. Também como igrejas locais e autónomas, não se filiaram em nenhuma organização, e portanto não chamaram a atenção dos historiadores.

Em «O Cristianismo Através dos Séculos», H. H. Muirhead diz: "Infelizmente os dados históricos não permitem traçar passo a passo a

história das igrejas do N. T.. Isto porque a quase totalidade das informações acerca dos grupos divergentes procede dos seus maiores inimigos. Sustentamos, porém, que a continuação histórica das doutrinas essenciais pode ser traçada, e que Deus não tem ficado sem testemunhas" (pág. 76).

Igrejas Neo-testamentárias

Apesar da escassez de informações, e das dificuldades que cercam este estudo, haverá grande recompensa para aquele que procura descobrir a história das igrejas de Deus. Ele descobrirá que nestes dois mil anos que já se passaram desde o começo da primeira igreja local sempre houve igrejas que procuravam seguir fielmente o modelo deixado no Novo Testamento. Neste artigo vamos chamá-las de igrejas locais porque, permanecendo fieis ao ensino do Paulino, não se filiaram em nenhuma organização ou movimento; continuaram sendo igrejas autónomas e, consequentemente, locais. Deus nunca se deixou a Si mesmo sem testemunho (Act. 14:17).

O historiador E. H. Broadbent escreve: "Há uma sucessão ininterrupta de igrejas, compostas de crentes, que procuravam praticar o ensino do Novo Testamento. Esta sucessão não é encontrada necessariamente num só lugar, pois frequentemente estas igrejas foram dispersas ou se degeneraram, mas outras, semelhantes, surgiram em outros lugares. O modelo é apresentado nas Escrituras com tanta clareza, que é

possível haver igrejas semelhantes em diversos lugares, mesmo não sabendo que outros, antes deles, seguiram o mesmo caminho, ou que nos seus próprios dias alguns estavam fazendo o mesmo e da mesma maneira em diversos lugares" (*The Pilgrim Church*, pág. 2).

H. H. Muirhead afirma: "... há duas linhas históricas a traçar; duas tendências que não se conciliam - a centralização administrativa e a fixidez dogmática, por um lado, e a reacção em favor dos ensinamentos e práticas do Novo Testamento, simples e desartificiosos, por outro ... A primeira delas tem o seu ponto culminante na hierarquia romana: a segunda, numa volta à norma apostólica" (*O Cristianismo Através dos Séculos*, pág. 75).

No final do terceiro século, a maioria das igrejas era muito diferente daquelas igrejas dos dias dos apóstolos. As mudanças foram realmente grandes. O livro já citado, *O Cristianismo Através dos Séculos*, ainda comenta: "Essa transformação, que gradualmente ia formando a Igreja Católica, foi motivada pela rápida influência judaica e pagã ... Naturalmente essa transformação não poderia deixar de provocar protestos por parte dos mais espirituais nas igrejas, resultando em divisões". E. H. Broadbent também escreve sobre esta transformação: "À medida que a organização do grupo católico de igrejas desenvolvia, surgiram no seu meio grupos que almejavam uma reforma; também algumas igrejas se separaram dela; e ainda outras, perseverando nas doutrinas e

práticas reveladas no N. T., achavam-se isoladas daquelas igrejas que as abandonaram... Havia naquele tempo, como agora, várias linhas divergentes de testemunho... e vários grupos de igrejas que se excluíam mutuamente" (*The Pilgrim Church*, pag. 11).

Ao longo destes séculos é consolador saber que Deus foi preservando o seu testemunho. E, enquanto a igreja professa seguia o seu próprio percurso, desviando-se da verdade, muitas igrejas locais iam defendendo, promovendo e crescendo na mesma verdade.

Referimos, entretanto, alguns grupos que eram conhecidos pelos seus perseguidores, ora pela sua localização geográfica, ora pela verdade que mais defendiam, ou mesmo pelos líderes que os pastoreavam. E referimos os **Montanistas**, nome que surge de Montano, um dos principais fundadores e obreiros nestas igrejas, na região da Frígia, hoje a Turquia. Existiram até muito depois do século III;

Os Novacianos. Nome que surgiu por Novácio ser um influente ensinador destas igrejas. Mais tarde, foi perseguido e morto. Estas igrejas espalharam-se por toda a Ásia menor, norte de África e Arménia. Presume-se que muitas destas igrejas existiam desde o período apostólico.

Os Donatistas. Estas igrejas foram de alguma forma influenciadas pelos

Novacianos, no entanto, usavam uma hierarquia aproximada ao da igreja professa, dos bispos. Estava fortemente implantada no norte de África, e durou até às invasões muçulmanas.

Os Paulicianos. Este foi um grupo de igrejas locais, que muito se opôs à igreja romana, e estava muito implantada na Bulgária, Bósnia, Sérvia, e, depois de perseguida, particularmente pelo império bizantino, espalhou-se mais para o sul e centro da Europa. Dizem que cerca de 100.000 crentes teriam sido mortos na Arménia, no ano de 690 a D.. Alguns dos inquisidores da época diziam que eles estavam implantados desde o mar negro até ao Atlântico. Eles diziam que eram as igrejas mais antigas e, por isso, do tempo dos apóstolos, não aceitavam qualquer denominação e baseavam-se unicamente no ensino das Escrituras. Não se sabe exactamente a origem do nome que os seus opositores lhe deram, mas provavelmente por basearem o seu ensino nas epístolas de Paulo, ao contrário na igreja católica que estava influenciada pelo judaísmo e pelo paganismo. Há referências a este grupo de cristãos anterior ao século III, e duraram até muito depois do século XVI, sendo depois absorvidas pelas novas igrejas resultante da reforma.

Os Anabaptistas. Este grupo de igrejas surgiu como oposição à prática do baptismo de crianças. Foram perseguidos pela igreja romana até à morte, e depois, mais tarde, pela igreja protestante, a

igreja oficial dos estados protestantes. Diz-se, no entanto, que nem todas destas igrejas eram fieis aos ensinamentos do N. T.. Havia, como sempre houve, joio no meio do trigo.

A verdade é que desde sempre estas igrejas locais, que se reuniam segundo os princípios de Deus para a Igreja «Corpo de Cristo», revelado a Paulo, eram igrejas que, embora divergissem entre si em algumas matérias, procuravam seguir com o rigor que podiam e sabiam seguir o modelo bíblico de igreja local e independente. Esta sua determinação levou que fossem perseguidos, até ao século III pelos Judeus; depois do III Século, com a “conversão” do Imperador Constantino, passou a ser perseguida pela Igreja professa – a Igreja católica ocidental (Romana) e a Igreja do oriente (a grega). Mais tarde, com o surgimento das igrejas protestantes professas, estas passaram também a perseguir todas as igrejas que não se identificavam consigo, e por isso, perseguiam também este tipo de igrejas locais. Como estes, muitos outros homens de Deus se levantaram e defenderam os princípios sagrados de reunião e culto, mesmo antes do período da reforma, que lutaram pela verdade de Deus e que os levou mesmo ao martírio. É espantoso como Deus, contrariando as tendências oficiais de um “cristianismo” pagão, ou seja, fortemente influenciado pelo paganismo, foi preservando o seu testemunho.

O Século XIX. Este século foi fértil em homens estudiosos das escrituras, e

deram um forte impulso para a implantação das igrejas locais. Assim, e quase que simultaneamente, em diversas partes do mundo surgiram igrejas com estas características, nomeadamente Dublin e Omagh, na Irlanda do Norte, Georgetown, Guiana Inglesa, etc. e, como chegou dessa influência a Portugal.

Mas, infelizmente, depressa começaram a surgir divisões e subdivisões nas igrejas, que é uma consequência inevitável do desvio da doutrina da Igreja «Corpo de Cristo». Muitas igrejas, embora dizendo ser igrejas neo-testamentárias, têm-se desviado muito da sua posição original, imitando as práticas das denominações chamadas evangélicas e tornando-se como elas. Enquanto ainda professam aceitar o sacerdócio de todos os crentes, estão dependendo mais e mais da liderança dum chamado "obreiro", que em muitos casos já é reconhecido como o Pastor da igreja. Ainda dizem ser igrejas autónomas, mas já dizem que fazem parte do "Movimento dos Irmãos". E tal descrição está sendo mais modificada em nossos dias, pois alguns dizem também que são das "igrejas dos Irmãos". E, dizendo que não são denominacionais, estão caindo no mesmo erro dos "Irmãos Unidos" que, eram igrejas locais que defendiam o modelo Paulino de igreja local, mas com a realização das suas Convenções em 1463 a. D. e 1467 a. D. os levaram a perder essa identidade.

Apesar da divisão triste do século XIX, e dos grandes desvios actuais, ainda há no mundo hoje, em muitos países, igrejas locais e autó nomas e que se reúnem

segundo o modelo sagrado. Obviamente não têm denominação, nem sede, pois aceitam somente as Escrituras Sagradas para sua orientação, e dependem dos dons e da direcção do Espírito Santo para sua continuação.

Estão, porém, sempre em perigo. Às vezes foram, e ainda são (em alguns lugares) cruelmente perseguidas, mas o maior perigo hoje é a inerente tendência humana de desviar-se de Deus. Muitas igrejas locais têm deixado de existir não devido à perseguição, mas devido ao seu desvio da Palavra de Deus. Por esse facto, o próprio Senhor remove o seu castiçal.

Conclusão

Temos caminhado rapidamente pelo caminho escuro seguido pelas igrejas locais durante estes quase dois mil anos da Dispensação da Graça. Temos percebido, mesmo nos primeiros anos do seu testemunho, quando os apóstolos ainda viviam, uma tendência constante de desviar-se de Deus e do modelo que Ele estabeleceu. Além disso, temos visto um esforço da parte de Satanás para destruir estas igrejas, desviando -as da simplicidade que há em Cristo (II Cor 11:3).

Devido à pouca informação confiável que possuímos, o caminho que acabamos de seguir é obscuro. Uma coisa, porém, fica perfeitamente clara. Apesar das falhas humanas e dos ataques satânicos, Deus nunca Se deixou a Si mesmo sem testemunho (Act. 14:17). Embora muitas igrejas se desviassem da simplicidade

original, degenerando-se ao ponto de serem removidas pelo próprio Senhor, sempre houve na terra verdadeiras igrejas locais, desde a formação da primeira igreja local em Jerusalém (Actos 2 – Eu diria que a primeira igreja do modelo Corpo de Cristo é Antioquia – Actos Cap. 13).

Quando os "castiçais " precisavam de ser removidos, o Senhor levantava outras igrejas em outros lugares. O testemunho não se apagava; o candeeiro é que é removido. Em nossos dias, quase dois mil anos depois da primeira igreja, ainda há muitas igrejas conforme o modelo do Novo Testamento – Deus é fiel, Ele tem preservado o seu testemunho. Que nós sejamos fiéis, guardando a Sua Palavra, apesar dos desvios de muitos em nossos dias.

Nossa Responsabilidade

A fidelidade de Deus não nos livra de responsabilidade. Em nossos dias, provavelmente os últimos dias do testemunho de igrejas locais na terra, vemos os ataques de Satanás se redobram cada dia. Igrejas que outrora amavam a simplicidade do modelo divino agora adoptam as maneiras e os métodos das denominações. Com muita música e actividades sociais procuram atrair as pessoas e manter os jovens na igreja. Dão muita importância às tradições humanas e às opiniões da sociedade em que vivem, e deixam de lado a Palavra de Deus como algo fora de moda.

Muitas já perderam todas as características das verdadeiras igrejas de Deus. A situação é confusa, mas ainda é possível manter o modelo que Deus estabeleceu nas Escrituras.

Deus não mudou. O modelo na Sua Palavra não mudou; a nossa responsabilidade é clara. O cristão não deve tornar-se membro de denominação alguma, mas sim separar-se de todas elas para reunir-se com outros cristãos, simplesmente como cristãos, em Nome do Senhor Jesus Cristo, formando assim uma igreja local e autónoma, onde o Senhor Jesus é a única atracção, e a Sua Palavra a única autoridade. Estas igrejas não precisam, nem devem, unir-se a movimento algum; mas ao mesmo tempo que mantém a sua autonomia, devem cultivar comunhão com outras igrejas que seguem os mesmos princípios.

Tais igrejas podem ser fracas, pequenas, e desprezadas pelo mundo religioso, mas o Senhor lhes deixou uma promessa animadora: "eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar: tendo pouca força, guardaste a minha Palavra, e não negaste o Meu Nome" (Apo. 3:8).

«Pelo que sai do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e Eu os receberei» (II Cor. 6:17).

R. E. Watterson
Adaptado por VPP

O Grande Mistério...

“Grande é este mistério;
digo-o, porém, a respeito de
Cristo e da Igreja...”

(Efésios 5:32).

O Apostolado

De Paulo

A Salvação de Saulo de Tarso

«Enquanto for apóstolo dos
Gentios, glorificarei o meu
ministério» (Romanos 11:13)

Introdução

Uma das chave que nos ajuda a entender o propósito de Deus para a presente época, é a compreensão do apostolado de Paulo. Entender que o apostolado de Paulo é único e distinto dos demais apóstolos é o primeiro passo que nos conduz à compreensão do programa, da mensagem e do

propósito celestial de Deus, planeado em Cristo. É entender a distinção entre o programa profético e o programa do mistério; é entender a distinção entre aquilo que foi pré-determinado por revelação profética, com aquilo que foi pré-determinado por Deus, mas mantido em segredo até ao tempo presente. É entender a distinção entre a mensagem de Deus com um propósito para o mundo – em Cristo, e a mensagem de Deus com um propósito para os lugares celestiais – também em Cristo.

Se não entendermos a razão e o conteúdo do apostolado de Paulo, não entenderemos qual o propósito de Deus para hoje – como é formar uma igreja nos céus – nem o nosso lugar nesses propósitos. Se não entendermos o apostolado distinto de Paulo, não entenderemos nada acerca da Igreja de Deus – o Corpo de Cristo – e a leitura que fazemos nos escritos bíblicos só nos criará confusão.

A maior causa de confusão na compreensão das escrituras Sagradas é a falta de compreensão do apostolado de Paulo; e daí podermos ainda dizer que, a maior causa das divergências que existem nas igrejas locais ou mesmo nas denominações deve-se à falta de compreensão e reconhecimento deste facto: o apostolado distinto de Paulo.

Não é por acaso que as igrejas locais que mais problemas tiveram no seu funcionamento e relacionamento, que as Escrituras referem, foram

aquelas que puseram em causa o apostolado de Paulo. E elas são: Coríntios e Gálatas.

«Visto que buscais uma prova de Cristo que fala em mim,...» (II Cor. 13:3)

«Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros.» (Gálatas 5:15)

E, aqueles que puseram em causa o seu apostolado e mensagem, acabaram muito mal, como foi o caso de Alexandre, Himineu, Fileto, entre outros (I Tim. 1:20; II Tim. 2:17; 4:14), os quais foram entregues a Satanás. E, como estes, ainda hoje há muitos que resistem às nossas palavras. E, como não há argumentos para o contrariar, pois a Palavra de Deus é clara como a água cristalina, acusamos de paulistas!

E não podemos entender o ministério do apóstolo Paulo sem compreender a sua conversão. Por isso, começemos exactamente por aí.

A SALVAÇÃO DE SAULO DE TARSO

A Importância do Evento

A conversão de Saulo de Tarso é um dos eventos mais importantes da história da Igreja «Corpo de Cristo».

«Muito pouca importância tem sido atribuída, na mente dos crentes, a este grande evento. A distinção do lugar de Saulo no programa de Deus tem sido totalmente perdida de vista. Ele tem sido considerado como sendo meramente um, dum certo número de apóstolos. Pouco significado tem sido atribuído ao facto de que ali, no caminho para Damasco, longe de Jerusalém inteiramente aparte do ministério os doze, o anteriormente perseguidor e blasfemador foi transformado num escravo voluntário de Cristo e comissionado como o apóstolo da graça de Deus.

Mas, a revelação de Deus dá a este invento uma importância singular. A conversão de Saulo é descrita mais completamente e é mais vezes referida nas escrituras que a conversão de qualquer outro crente, ou de outro qualquer evento espiritual, à excepção da morte e a ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

A maior parte dos três capítulos separados dos Actos ocupa-se com este tema que forma o tema principal de dois dos cinco discursos registados ali de Paulo. O próprio apóstolo está tão cónscio da importância da sua conversão em relação ao Evangelho da Graça que refere-se a ela repetidas vezes nas suas epístolas.

Não há testemunho das riquezas da graça de Deus, nem do poder da cruz, nem da realidade da salvação pessoal que se iguale ao da

conversão de Saulo de Tarso. O próprio apóstolo torna isso claro, pelo Espírito Santo, em I Timóteo 1:15, quando diz:

«Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.» »

(C. R. Stam)

A Identificação de Saulo de Tarso

Saulo é o nome grego correspondente ao nome hebraico **Saul**. Este facto transporta-nos até I Samuel 8 a 12, quando Israel pede um rei, à semelhança das nações pagãs. E Deus dá-lhes um rei. Mas, o rei que lhes é indicado não é o rei da sua vontade, o rei segundo o seu coração, mas o rei segundo o coração de uma nação que estava a ficar rebelde, a desviar-se de Deus e a imitar as demais nações pagãs. Esta atitude de Deus é uma atitude permissiva, e não uma directiva da sua vontade.

O rei indicado por Deus é **Saul**. Ele era um líder distinto, sob o ponto de vista humano e carnal. Exactamente aquele que o povo pretendia. Era da tribo de **Benjamim**. Chegou a profetizar e até a fazer sacrifícios. Parecia, do ponto de vista religioso, o mais recomendável. Mas, passou a maior parte da sua vida a perseguir o unguido do Senhor, que

então era Davi (figura do Senhor Jesus Cristo).

No entanto, esta atitude do povo de Israel foi vista por Deus e por Samuel como de insujeição e de rebelião à sua vontade (8:4-7, 19). É certo que estava previsto Israel ter um Rei, mas isso seria no tempo determinado por Deus (Génesis 49:8-10). Por isso, este momento foi o princípio de uma atitude que culminou noutras palavras parecidas: **«não queremos que Este reine sobre nós!»** (Lucas 19:14). Aqui, com Saul, começou o desvio de Israel do propósito delineado por Deus para este povo.

Saulo era a segunda versão da Saul: um líder que se afirmou pelo seu ódio ao Ungido do Senhor e seus discípulos. Saulo era a verdadeira personificação do líder de uma nação obstinada, aliada às demais nações pagãs na rebelião contra Deus e contra o seu Cristo (Salmo 2:2)

Se quisermos ir mais longe, diremos que eles – tanto Saul como Saulo – eram uma representação do que será o anticristo, que surgirá de entre a nação de Israel, virá em seu próprio nome, e lutará contra o Senhor e contra os seus remidos.

Paulo, mais tarde, depois de convertido, tem noção de tudo isto quando diz: **«Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal»**, atrás já citado.

O Enquadramento Profético do Momento da Salvação de Saulo

Não vamos pensar no que as interpretações tradicionais dizem sobre esta matéria; vamos examinar os assuntos à luz do que está escrito e tentar compreender o seu significado por si mesmo, comparando, no máximo, a Escritura com a própria Escritura.

Estamos em Actos dos Apóstolos capítulo 9. Certo. E recuando um pouco mais no tempo, o que vemos?

- A morte do Senhor Jesus Cristo. Saulo estaria presente, a instigar a multidão para que o Messias fosse crucificado? Provavelmente! Mas, em concreto não sabemos. Não sabemos, penso eu, qual o momento em que Saulo de Tarso assume a liderança nesta perseguição a Jesus, o Messias.

- Estamos em pleno cumprimento da Profecia. O momento cronológico dos acontecimentos estava a ser cumprido à risca. Estava profetizada a morte do Messias e determinada a data desse acontecimento. Daniel 9 é um desses textos.

- O Messias ressuscita e é glorificado no céu, assentado à direita de Deus, até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus

pés (Salmo 110:1). Isso será na Grande Tribulação, quando o Cordeiro se porá em pé para julgar as nações (Apocalipse 5:5-6).

- No início de Actos dos Apóstolos – e em seguimento do cumprimento da profecia – o Espírito Santo é derramado (Joel 2). E, quem conhece um pouco da profecia sabe que essa promessa seria cumprida no remanescente, com o propósito específico de anunciar o regresso do Messias para reinar as nações. Pedro confirma isso mesmo, quando disse: **«isto é o que foi dito pelo profeta Joel...»** Actos 2:16..).

- Mas a profecia de Joel, bem como de outras profecias, o seu cumprimento não se esgotaria no derramamento do Espírito Santo. Pedro, citando Joel, diz que a seguir viriam sinais na terra e nos céus. Seriam os sinais que mais tarde João descreve no seu livro do Apocalipse: os sinais ou as evidências que apontam para a eminente vinda do Senhor Jesus Cristo para Reinar: os sinais que antecedem a vinda do Rei dos reis e Senhor dos senhores (Actos 2:19-21). *É verdade que a cristandade diz que ali começou a igreja; disse-o a igreja católica e os protestantes foram todos atrás. No entanto, Pedro esclarece: isto é o cumprimento da profecia e toda a profecia fala do estabelecimento do Reino do Messias na Terra; a Igreja "corpo de Cristo" é um Mistério que seria revelado e principiado mais tarde.*

- Actos 3 e 4 vemos que os líderes de Israel, antes de arrependere-se dos seus pecados e crerem em Jesus como o Messias, só poucos se converteram e os seus líderes acabam por prender os representantes do Rei Jesus.

- Em Actos 5 e 6 assistimos a alguns problemas no seio da Igreja em Jerusalém – a Igreja Messiânica, ou melhor, o remanescente de Israel. Os líderes da Igreja já têm dificuldades em gerir o grupo de crentes, o que é sintoma que os princípios messiânicos que se viverão no Reino do Messias, e que eles estavam já a praticar, começaram a ter dificuldades em praticá-los. Deus estava a indiciar alguma alteração nos seus propósitos.

- Actos 7: o discurso de Estêvão. Aqui assistimos à machadada final. A foice foi lançada à seara (Joel 3:11-17). O momento profético é descrito como **«o Filho do Homem em pé»** (Actos 7:56). E, a referência do Senhor em pé, na profecia, vemo-lo sempre para julgar: Salmo 110:1 e Apocalipse 5:5-6). Certamente que estamos diante do momento profético do início da grande tribulação. Os sinais da sua vinda estariam para ocorrer. A nação de Israel e o seu líder – Saulo de Tarso – deveriam ser objecto dos maiores e mais horrendos juízos de Deus.

- Actos 8 confirma esta situação. Os líderes de Israel perseguem o remanescente. A Igreja do Pentecostes, que deveria

permanecer em Jerusalém e, só depois dos judeus convertidos é que deveria ir para outras partes do mundo (Actos 1:8; Mateus 28:18-20), são forçados a fugir de Jerusalém. A dispersão não é o resultado de que a mensagem messiânica estava a ser aceite mas, pelo contrário, porque estava a ser rejeitada. Exactamente em oposição aos propósitos de Deus para Israel e para o mundo, e em conflito com a cronologia da profecia. Mais uma razão para que os juízos se iniciassem.

No entanto, contrariamente ao que estava previsto na profecia: **o juízo dos inimigos de Deus**, Ele tem uma atitude exactamente contrária: oferece-lhes graça e paz! É a isso que ele se refere quando diz: **«A mim, que, dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e o amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.»** (I Tim. 1:13-15).

**O Significado
Dispensacional da
Salvação de Saulo de Tarso**

Há um aspecto importante na pessoa de Saulo de Tarso e que a Escritura muito realça, pelo seu significado espiritual e aplicação prática: **é a dupla cidadania de Saulo.**

Em II Coríntios 11:22 ele diz que é hebreu, israelita e filho de Abraão. Em Filipenses 3:5 diz que é «hebreu de hebreus, da linhagem de Israel, da Tribo de Benjamim». No entanto, em duas situações faz ver que tem a cidadania Romana (Actos 16:37-39; 21:39; 22:3, 25-30). E esta dupla cidadania que Saulo tinha fora adquirida por nascimento.

Ora, esta facto aponta mais uma vez para o que Saulo de Tarso personificava: a rebelião de judeus e gentios contra Deus.

É que, esta atitude de rejeição de Israel a Deus representava que estava a dar as mãos às nações pagãs na sua rebelião contra Deus. Já não eram só os Gentios que estavam afastados de Deus. Agora era a própria nação. E, como já o Salmo 2:2 dizia: «Por que se amotinam as nações (mundo), e os povos (de Israel – cf. Actos 4:25, que aplica a Israel) imaginam coisas vãs?»

Por isso também está escrito: «todos pecaram», judeus e gentios. E: **«porque Deus encerrou a todos (Judeus e Gentios) debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia.»** (Rom. 11:32).

Saulo, com a dupla cidadania, era, também, a personificação de um mundo, Judeus e Gentios, em rebelião e em inimizade contra Deus.

Por esse facto Deus afastou-se daquele que era o seu povo terreno.

E, {o que iria agora acontecer ao propósito profético de Deus, que visava trazer a bênção e a salvação aos Gentios por meio de Israel? É o concerto Abraâmico? Como poderia a bênção fluir para os Gentios quando Israel, o canal por meio do qual deveria fruir, se unira aos mesmos Gentios, na sua rebelião contra Deus?

A resposta a esta questão é a história maravilhosa jamais contada: a história da graça de Deus fluida do Calvário. Deus, colocando temporariamente de parte o programa profético – a cronologia da profecia – na sua infinita graça, determina salvar o líder da rebelião. Pelo poder do amor e das ternas palavras d' Aquele contra quem Saulo de Tarso rangeu os dentes, o perseguidor implacável tornou-se num momento, não só num dócil seguidor de Cristo, mas no vaso escolhido por meio de quem Deus dispensaria a riqueza da sua graça a um mundo amaldiçoado pelo pecado.

A rebelião do mundo deveria ter resultado no derramamento da ira de Deus (Salmo 2:5; 110:1), mas Ele, sempre tardio em irar-se, protelou o juízo e começou a introduzir a dispensação da Graça.

Poderia ser levantada a objecção se seria de acordo com a justiça da Deus revelar benignidade ao mundo em tal altura e até mesmo ao líder da sua insurreição contra Cristo. A resposta a esta objecção é encontrada no Calvário. Uma vez que Cristo morreu pelo pecado, porque não poderia Deus oferecer as riquezas da sua graça a todos que as recebessem pela fé, e ainda assim manter integra a sua Justiça? E porque não poderia Ele oferecer salvação aos Gentios, inteiramente aparte de Israel? É por

isso que a mensagem de Paulo é apropriadamente chamada de “a pregação da cruz” (I Cor. 1:18-25). Assim como a graça é mais proeminente nas epístolas de Paulo que em qualquer outra parte das Escrituras, assim, também, o é a cruz, o sangue e a morte de Cristo. Em parte alguma mais estas coisas são tão referidas.

«Em quem temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça» (Efésios 1:7).

«Sendo justificados gratuitamente, pelo sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação, pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados... para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:24-26).
(C. R. Stam)

A salvação de Saulo de Tarso é o princípio de uma nova atitude de Deus para o mundo: quer para Judeus, quer para os Gentios. Paulo é um exemplo da forma como Deus quer salvar os seus inimigos, oferecendo-lhes graça e paz, e não justiça e guerra. Deus quer salvar os seus inimigos, na sua graça, e não condená-los. E, uma demonstração disso, foi a salvação do líder da rebelião: Saulo de Tarso. E, se Deus pôde salvar Saulo de Tarso, e quis salvar Saulo de Tarso, e salvou Saulo de Tarso, certamente que não haverá pecador tal que também não o possa fazer da mesma maneira. Esta é a atitude de Deus na presente Dispensação da Graça.

Mas, alguns perguntariam: Deus rejeitou o seu povo? **«De modo**

nenhum! Porque também eu sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim (Rom. 11:1), ou seja, qualquer judeu, como eu, que se arrependa dos seus pecados, pode ser salvo, como também eu fui. E, o mesmo se diga dos gentios, pois Paulo, como romano, e por isso gentio, em estado de inimizade e rebelião contra Deus, foi salvo, como exemplo da intenção de Deus em salvar qualquer gentio que se arrependa dos seus pecados e creia no Senhor como seu salvador pessoal. Depois de tudo, quando terminar a Dispensação da Graça com o arrebatamento da Igreja, e como **«os dons e a vocação de Deus é sem arrependimento»**, Israel será restaurado à sua condição inicial e o programa profético reatado (Rom. 11:29, 25, 23) exactamente no momento em que foi suspenso, com o surgimento do líder da rebelião – o anticristo.

A Chamada de Saulo de Tarso

«Mas, quando aprovou a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia...» (Gálatas 1:15-17)

Este Texto Sagrado fala-nos de um outro aspecto importante da salvação de Saulo de Tarso. Saulo **desconhecia a mensagem dos Doze Apóstolos**, bem como as instruções que o Senhor

ressurrecto lhes havia dado enquanto aqui na terra. Saulo **estava longe de Jerusalém**, não podia ser convertido **debaixo da autoridade** e com a mensagem dos Doze Apóstolos.

Há alguns contrastes determinantes na salvação e chamada de Saulo, com a salvação e chamada no ministério dos Doze, nomeadamente quanto à chamada (judeus e gentios), à mensagem (graça e paz aos inimigos), ao local (fora de Jerusalém - judaísmo), à forma (do céu), ao processo (a Igreja "corpo de Cristo"), o carácter (misericórdia e não justiça) e finalidade (glória – para o céu).

Enquanto que com os Doze Apóstolos, eles foram chamados pelo Senhor ainda na terra, e com uma mensagem para a terra, lemos que o Senhor apareceu a Saulo **«do céu»** (Actos 9:3-5). Não lemos que, depois do Senhor ter ascendido ao céu que tivesse aparecido mais aos Doze (I Cor. 15). A última vez que o viram, com os olhos físicos, foi na sua ascensão.

No entanto, Paulo diz que o Senhor lhe apareceu, não em visão, mas como aos outros discípulos e Apóstolos: aos olhos físicos (I Cor. 15: 8 - **«E, por derradeiro de todos, me apareceu também a mim, como a um abortivo»**. Notem: **"Por derradeiro de todos!"** Ou seja, ele teve a última revelação. Depois do Senhor ter aparecido a Saulo não apareceu dessa maneira a mais ninguém. Tudo o mais se limitava a visões e revelações.

A esta aparição, Paulo chama de **«abortivo»**. E, por uma razão muito simples. Abortivo quer dizer **"antes do tempo"**. E que tempo é esse? É o tempo que estava estipulado na profecia. E, o que está determinado é que, o Senhor só seria visto com os olhos naturais quando voltasse à terra para reinar. E, assim será, como está escrito: **«Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o trespassaram»** (Apocalipse 1:7), como os anjos também disseram, quando o

Senhor ascendeu: **«Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir»** (Actos 1:11).

Ora, no caso de Saulo, o Senhor apareceu-lhe antes desse momento: o tempo previsto; o Senhor apareceu-lhe sem que isso estivesse determinado na profecia, sendo por isso UM MISTÉRIO, que viria a fazer parte da revelação do "Mistério", a Igreja "Corpo de Cristo", completamente omissa na profecia. Este momento não fora previsto na profecia, não fora determinado no tempo da revelação existente; este acontecimento seria o início de uma revelação e de uma mensagem **"fora do tempo"**, (Col. 1:24-27).

Por esse mesmo facto, não devemos confundir a mensagem do Senhor enquanto terreno – com uma vocação, mensagem e propósito terreno, com a mensagem do Senhor glorificado, confiada a Paulo para a presente Dispensação. E, sobre isso, aproveito para dizer como considero incompreensível que alguns "mestres" apliquem I Timóteo 6:3-4, que diz: **«Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira...»**, como se referindo às palavras do Senhor nos Evangelhos! E pergunto-me: o que lêem estes homens na escritura? E, como é que lêem? Será possível aplicar a mensagem messiânica em nossos dias, nomeadamente Marcos 1:44; Mateus 23:2-3; Mateus 28:20; Marcos 16:15-18; João 20:22-23? Não, por certo. O Senhor tornou isso impossível. Estou certo, que as **"Sãs Palavras"** de que Paulo fala são as palavras que ele conhecera e ouvira, mesmo na glória (II Cor. 12:1-4): **são as palavras do Senhor glorificado**. É a revelação do Senhor para a Igreja "Corpo de Cristo", a verdade do **"Mistério"**, a

doutrina da **'Dispensação da Graça de Deus'**. E, esta mensagem de salvação foi primeiramente demonstrada na salvação de Saulo de Tarso, e depois revelada a ele – como Paulo – para a Igreja e para o mundo. Pois ele diz: **«não consultei carne nem sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia...»**. A operação da salvação de Saulo de Tarso não foi segundo a mensagem dos Doze Apóstolos, mas segundo a mensagem do Senhor glorificado.

Também, é interessante notar que, no ministério dos Doze apóstolos, todas as conversões, sob a mensagem messiânica, eram confirmadas pelos respectivos apóstolos. Assim aconteceu em Samaria (Actos 8:14). Todos, debaixo daquela mensagem e programa, estavam dependentes da "bênção" dos Doze Apóstolos. Mas, Paulo teve o cuidado de afirmar que a sua salvação não fora operada no âmbito da autoridade dos Apóstolos de Israel, nem estava dependente deles, mas **"foi para a Arábia"**! Tomou um sentido oposto, exactamente para indicar que a sua comissão era num sentido oposto ao daqueles. E o facto do Senhor lhe ter aparecido no caminho de Damasco, fora de Israel, fora de Jerusalém, era indício de que a sua chamada não era uma extensão do programa judaico, não tinha nada a ver com o programa para Israel, nem era um desenvolvimento ou cumprimento de Actos 8, como consequência de dispersão, mas inseria-se num contexto totalmente aparte: Uma vocação para os Gentios.

Para afirmar essa diferença, Paulo diz que, mais tarde, foi a Jerusalém mostrar o **«Evangelho que pregava entre os Gentios»** (Gálatas 2:1...), ao qual chamava de **"meu Evangelho"**, por ter-lhe sido revelado, em exclusivo, e directamente pelo Senhor glorificado, o

que foi reconhecido pelas colunas da Igreja de Jerusalém.

Mais tarde, Pedro vem confirmar estes factos quando diz: **«E tende por salvação a longanimidade de Deus... conforme o amado irmão Paulo vos escreveu... como em todas as suas epístolas...»** (II Pedro 3:15-16).

A Salvação de Saulo, Um Modelo

«Para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado... com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo; (...), para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória.» (Efésios 1:6, 12, 14).

Muitos crentes têm dificuldade em entender a vocação da Igreja, "Corpo de Cristo". A vocação a Igreja é "Celestial", e insere-se num propósito, que é o **"louvor e glória da graça de Deus"**. Tudo o mais é para nós proporcionarmos maior louvor e glória da graça de Deus. E diz mais: **«para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para connosco em Cristo Jesus»** (Idem, 2:7). E, assim será na eternidade.

A Igreja "Corpo de Cristo" é o grupo de pessoas que o Senhor salva na sua misericórdia e graça. O Senhor **«amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível»** (Efésios 5:25-27): ou seja, apresentá-la a si mesmo, bela e bonita, nos seus conceitos divinos.

Mas isto, não a pessoas quaisquer, mas a pecadores, fracos, ímpios e seus inimigos (Rom. 5:6,8,10). A pessoas que merecem o seu repúdio, ira e condenação.

Deus tem revelado o seu carácter supremo e soberano, ao longo dos tempos. Com Lúcifer, sabemos que o Senhor revelou de uma forma extrema a sua justiça. Desconhecemos que o Senhor lhe tivesse dado oportunidade de se arrepender. Ele peçou e Deus condenou-o, na sua justa justiça. Em Lúcifer Deus demonstrou a Sua justiça em extremo; o Diabo é a máxima demonstração de justiça de Deus.

Com o pecado do homem, continuamos a ver que o Senhor é um Deus recto; Com a Lei, vemos que Deus é um Deus de ordem e de verdade; Deus é Deus de Luz; Deus é Deus Santo; Deus é Deus Puro; Deus é Deus perfeito em justiça e santidade. No entanto, vemos algumas demonstrações da sua misericórdia e benignidade. Mas, com a Igreja "Corpo de Cristo" o Senhor faz a maior demonstração da sua Graça. (Na "Cruz" vemos a maior demonstração da sua Justiça e da sua Graça em um só momento). É a graça revelada em extremo, predestinando, chamando, justificando e glorificando os seus inimigos, que se arrependem dos seus pecados. Esta atitude de Deus é nova, mas é também única na sua experiência, à luz da sua revelação. De forma que, como foi e será glorificado em extremo pela demonstração da sua justiça, na condenação de Lúcifer, também o será, na mesma ou maior dimensão, pela demonstração da sua graça, na salvação e glorificação da Igreja da "Graça". Por isso, Paulo não poderia ter outras palavras:

«Ó profundidade das riquezas... glória pois a Ele...» (Rom. 11:33...),

e: **«Ao único Deus sábio... glória»** (Rom. 16: 27), e, ainda: **«A Ele, glória na Igreja...»** (Efe. 3:20-21).

Paulo foi a exemplificação desta atitude de Deus. Ele escreveu:

«Mas, por isso, alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna» (I Tim. 1:16)

«... E servisse eu de modelo a quantos não de crer nele para a vida eterna» (VRA)

«... E isso ficará como exemplo para todos os que, no futuro, vão crer nele e receber a vida eterna» (BLH)

Eu quero chamar a atenção do leitor, primeiramente para a palavra **"principal"**. "Principal" é a tradução da palavra grega «Prótos», e significa "Primeiro". Ocorre cerca de 95 vezes no chamado Novo Testamento e dessas só poucas vezes (menos de 10) é que é traduzido por principal, maior, líder e melhor. Mas, sempre com o mesmo sentido básico de "primeiro". E, creio ser esse o sentido aqui, não só pelo uso do termo, como pela sua aplicação e integração no contexto: **o primeiro de uma série.**

Nesta passagem o Apóstolo Paulo, por inspiração divina, está a dizer a Timóteo e a nós, hoje, que a sua salvação foi o início da demonstração das riquezas da graça de Deus, para demonstração e exemplo de todos os que haveriam de crer no Senhor, depois dele, e de acordo com a mensagem que recebera do Senhor.

Assim, «a conversão de Saulo assinalou o princípio de uma nova dispensação. Notemos que dizemos o princípio, pois a dispensação da

graça, com a sua revelação, emergiu gradualmente (Actos 26:16; II Cor. 12:1). Seria impensável que o programa Profético fosse suspenso repentinamente, e que a revelação da Dispensação da Graça fosse revelada plenamente num determinado momento» (C. R. Stam).

A salvação de Saulo de Tarso, como o líder da rebelião humana contra Deus, marca a viragem da história do Plano de Deus para o homem, não só na sua atitude como quer salvar o homem, como no propósito que tem para o homem que salva no âmbito deste programa.

Não mais um programa terreno, não mais promessas terrenas, não mais prosperidade física e humana, não mais promessas materiais, não mais ritos e cerimonialismo, não mais circuncisão, não mais sacrifícios levíticos, não mais guarda de dias, não mais comeres sagrados, não mais baptismos, não mais sinais miraculosos e maravilhas, não mais obras da carne, mas graça, mas misericórdia, mas fé, esperança e amor – sinais espirituais –, mas paz, mas longanimidade, mas amor, mas vida espiritual, mas santidade moral, mas propósito celestial.

Outra mensagem que não seja esta como o Apóstolo Paulo o descreveu, não passa de "outro evangelho" (Gál. 1); e alterar tal Evangelho, dizendo mais do que está escrito, ou afirmando menos do que está revelado pelo Apóstolo Paulo, «é torcer para a própria perdição» (II Pedro 3:115-16).

«Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.

Porque somos feita sua, criados em Cristo Jesus...» (Efésios 2:8-10).

Este texto sagrado diz tudo. E pergunto: já crês? Já agradeceste a Deus pela salvação que te oferece? O perdão de pecados, a purificação da tua vida, a vida eterna e a glorificação em Cristo? Se não, fá-lo agora. Basta dizer: «Sou um pecador. Senhor Deus, eu creio que o Senhor Jesus Cristo morreu por mim na cruz do calvário, para me salvar. Obrigado pela tua salvação.»

Sem fazer nada. Isto é graça!

Glória a Deus.

VPP

Colaboradores:

OOV e C. Brito

© **Copyrights:** Não há. Os artigos não assinados são da autoria da redacção (E). Reprodução é permitida, desde que seja citada a fonte.

Todos os artigos são da responsabilidade da "Igreja" que se reúne em Oleiros.

Propriedade:

Igreja em Oleiros
Rua do Fial, n.º 101
4535 Oleiros SMF

Redactor:

Vítor Pereira do Paço
«vitor.paco@mail.pt»

Correspondência a enviar para:

Eclesi' Astes

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Codex

Local na Internet:

www.eclesiastes.pt

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt